



Castro de Penegotas: uma leitura a partir de alguns dados de superfície

Anabela Castro*

Palavras-chave

Castro de Penegotas; povoado romano; estruturas escavadas na rocha

Keywords

Castro de Penegotas; roman settlement; structures carved in rock

Resumo

No presente artigo dá-se a conhecer o estudo sobre o Castro de Penegotas, localizado na freguesia de Várzea do Douro, concelho de Marco de Canaveses.

Este estudo incide sobre dois pontos que se consideraram fundamentais: por um lado, a análise à implantação do castro, onde se aborda o amplo domínio visual da paisagem, o controlo da importante via fluvial que corre no seu sopé, o rio Douro; por outro, o levantamento de todas as estruturas que afloram à superfície do promontório e área adjacente.

Abstract

In this article we present the study of Castro de Penegotas, located in Várzea do Douro, Marco de Canaveses.

This study focuses on two key points that were considered fundamental: on the one hand, the analysis of the settlement location, approaching the ample visual domain over the landscape, and the control of the Douro river that flows at the foot of the hill; on the other hand, the survey and record of all structures that arise on the surface of the promontory and adjacent area.

* Arqueóloga - Mestranda em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto - anabela.nc@gmail.com

1. Introdução

Tal como acontece na maioria dos castros onde a implantação é um dos factores determinantes, Penegotas não representa excepção. Está situado num local estratégico, destacando-se neste particular aspecto o amplo domínio que tem para Sul, sobre o rio Douro, e a foz do rio Paiva, para Norte, evidenciando-se a visibilidade sobre o imponente castro dos Arados e, não de somenos importância, o controlo da estrada romana que provinha de Tongobriga.

São vários os testemunhos de ocupação que se estendem por todo o monte e área adjacente. Contam-se as estruturas predominantemente escavadas na rocha, os materiais cerâmicos, embora escassos, que se encontram dispersos um pouco por todo o lado, inclusive nos cortes provocados por obras recentes, e uma vasta colecção de epígrafes que provavelmente pertenciam à necrópole romana do castro, balizada entre os séculos III e IV.

Este castro está integrado na área de influência administrativa de *Tongobriga*, identificada por vários autores como um povoado romano. A região situada entre os rios Tâmega e Douro estava toda ela inserida no território administrado por esta *civitas* (Dias, 1997:312).

O artigo que se segue surge na sequência do trabalho realizado no âmbito do seminário de projecto da licenciatura em Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto no ano de 2008.

2. Localização e enquadramento geográfico

Num pequeno promontório granítico, na freguesia de Várzea do Douro, concelho de Marco de Canaveses, distrito e diocese do Porto, ergue-se o castro de Penegotas.

Localiza-se aos 41° 04' 02.2" N de latitude, 8° 16' 05.2" W de longitude, e a uma altitude de 109 metros (Carta Militar de Portugal, folha número



Figura 1. Localização do castro de Penegotas na carta militar de Portugal, folha n.º135 à escala 1:25000.

135, dos Serviços Cartográficos do Exército, à escala 1:25000). Embora sem visibilidade, importa igualmente referir que a sensivelmente 2Km para Oeste corre o rio Tâmega.

Morfologicamente insere-se num tipo de paisagem montanhosa de relevo acentuado, que propicia os vales encaixados, obrigando ao uso das encostas para fins agrícolas.

Do ponto de vista geológico, este sítio insere-se numa área onde se regista a presença de granitos porfiroídes de grão médio e grosso, de onde provêm os diversos afloramentos e penedos soltos (Medeiros, 1964:37).

3. Historiografia

A primeira documentação histórica desta freguesia ascende ao século X.

Actualmente conhecido como castro de Penegotas, em 1108 aparece referenciado com o topónimo *Mons Castro Catedra*, o que evidencia que, nos inícios do século XII, os trabalhos na rocha já tinham a configuração que hoje apresenta, como também já se havia perdido por completo a memória das funções a que os mesmos de destinavam. O nome *Catedra* resulta de um entalhe escavado num penedo que se assemelha a uma cadeira, que ainda hoje lhe dita o nome “cadeira dos mouros” ou “cadeira do rei” (Lima, 1993:150).

A “Memória” do pároco desta freguesia, padre António Correia Pega Borges, que data de 1758, refere que, entre outras coisas, “nos passais desta igreja se descobrem vestígios de lascas de pedras miúdas bem lavradas, com seus capitéis com diferentes lavouros, bastantes pias que mostram servirem de pilões, e mós pequenas, muito tijolo a algumas tigelas, pratos e algumas panelas de barro vermelho¹.

Vários são os testemunhos de ocupação humana existentes nas imediações do castro de Penegotas, atestados por trabalhos arqueológicos. Desta forma, temos referência

a uma escavação realizada em 1983 e 1984, onde foi confirmada a existência de construção romana em pedra, indiciando tratar-se de uma habitação para fins agrícolas. Na década de 90 efectuaram-se mais duas intervenções: uma na Quinta da Rua de Várzea que permitiu identificar estruturas e espólio de época romana; e uma outra no cruzeiro, tendo-se posto a descoberto uma estrutura de habitação circular, onde foi igualmente exumando algum espólio romano (Dias, 1988-1994: 94; Dias, 1997:312).

No monte de Penegotas e nas imediações, os primeiros investigadores a elaborar um registo mais exaustivo sobre a presença de vestígios de ocupação humana foram Domingos de Pinho Brandão e Fernando Lanhas, publicando a obra “Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico”, que data de 1967.

Outros trabalhos, embora pontuais e de âmbito académico, têm sido realizados e contribuído para um conhecimento mais aprofundado da área em questão.

4. Castro de Penegotas: caracterização

Ocupando uma curva acentuada sobre o rio Douro, o castro de Penegotas não se destaca na paisagem pela sua elevação. Porém, oferece boas condições naturais de defesa devido às escarpas que o ladeiam e ao controle visual que possui sobre o referido rio e a foz do Paiva, tal como em relação aos vales que o cercam. Relativamente ao referido domínio visual sobre o rio Douro, este constitui-se, possivelmente, como o elemento mais importante da implantação deste castro.

A partir do ponto mais elevado do promontório é possível controlar o Douro desde o porto de Bitetos, que se localiza a Este do castro, toda a área situada a Sul, até à zona onde actualmente se realiza a extracção de areias, a Oeste.

¹ Grande Enciclopédia Portuguesa - Brasileira, vol. XXXIV: 253.

Segundo Jorge de Alarcão (1988:91), aqui existiu um *vicus* importante em que as terras férteis e o rio permitiam boas condições de habitabilidade e facilidade de comunicação fluvial.

Lino Dias (1997:312), para além de corroborar o que escreve o citado autor, acrescenta que este *vicus* usufruía de um “porto” fluvial, onde as condições de acostagem eram boas até aos pontos de cota mais elevada. Funcionava igualmente como *mansio* dada a sua situação privilegiada sobre a margem direita do rio Douro.

Para além da situação favorecida em que se enquadrava, acrescia o facto de aqui terminar o troço de via que provinha de Tongobriga e que seguia ao longo da margem esquerda do rio Tâmega. Em frente ao referido *vicus*, na margem esquerda do Douro, a via continuava pelo vale do rio Paiva (Dias, 1997:312).

Ainda segundo Lino Dias (1997:341), a pervivência do sítio durante os séculos I, II, III e IV deve-se não só ao facto deste se localizar em zonas de encosta e com terrenos muito férteis nas proximidades, mas sobretudo pelo reforço da sua posição, já que se encontrava atravessado por uma estrada. Adianta ainda que na época de Augusto o castro de Penegotas assumiria um papel predominante.

Para além da já descrita implantação, também se caracteriza por um conjunto de penedos graníticos onde foram talhadas diversas estruturas, o que evidencia um aproveitamento da matéria-prima disponível. Entre o conjunto das construções contam-se os degraus, uma estrutura que se assemelha a uma “cadeira”, várias estruturas circulares, uma lagareta, as pias e entalhes dispersos.

Actualmente, o acesso ao monte pode fazer-se por qualquer uma das vertentes, excepto pelo lado Norte onde se observam dois taludes de terra. Contudo, a vertente Sul apresenta-se bastante abrupta e na vertente Este observam-se diversos penedos, muitos deles intransponíveis. Desta forma, as melhores alternativas serão por Oeste

onde é visível um estreito caminho, ou então pela vertente nordeste onde o relevo não é tão acentuado. Embora se equacione a hipótese do terreno ter sofrido algumas alterações, é provável que na sua época de ocupação o acesso se fizesse precisamente pela vertente nordeste tendo em conta a condição orográfica que invocámos anteriormente.

É nesta mesma vertente que se situa o lanço de escadas de maiores dimensões (Figura 13), apenas a alguns metros para Sul um segundo lanço e, entre estas duas estruturas, um penedo cujo topo se apresenta afeiçoado. Em local um pouco mais afastado daquelas estruturas, a cerca de 80 m a Este, numa plataforma, observa-se um possível terceiro lanço de escadas.

Chegando ao topo do monte, localiza-se uma estrutura escavada num penedo que se aparenta a uma “cadeira” de funcionalidade incerta. Descendo a encosta para Sul constata-se a presença de uma lagareta escavada num afloramento junto ao chão. Um pouco mais abaixo observam-se estruturas de configuração circular que denunciam compartimentos de habitações e uma lagareta inserida no mesmo conjunto. Já na vertente sudoeste aparece mais uma estrutura circular. Os entalhes e “pias” vão-se registando um pouco por todo o castro.

À superfície identificam-se materiais cerâmicos muito fragmentados, fundamentalmente bojós. De entre os materiais presenciados, salienta-se ainda a recolha de um numisma.

De igual modo, está documentada em Várzea uma colecção de algumas epígrafes provenientes da antiga necrópole, área que mantém actualmente as mesmas funções, e um conjunto de achados dispersos, incluindo-se neste último uma inscrição votiva dedicada a *Tameobrigus*. Sensivelmente a 50 metros a Sul do actual cemitério, susceptíveis de serem integrados nos ritos funerários romanos, existem três estruturas escavadas no afloramento granítico, que poderão corresponder a columbários.

A existência de uma sepultura antropomórfica escavada na rocha em local próximo da Quinta do Passal testemunha a ocupação do local durante a Idade Média, embora os vestígios arqueológicos se reportem sobretudo a períodos anteriores.

Segundo António Lima (1993:151), as asas de recipientes cerâmicos que Pinho Brandão e Fernando Lanhas (1967:58) atribuem ao período “luso romano”, apresentam, na realidade, características nitidamente medievais.

4.1. Estruturas defensivas

Quando elementos naturais como o relevo ou os cursos de água não proporcionavam condições de defesa, a população recorria a construções de acordo com a morfologia do terreno para se puderem proteger de possíveis ataques.

Sendo o castro de Penegotas de fácil acesso pelo lado Norte, pelos motivos já descritos anteriormente, observam-se nesta vertente duas linhas sob a forma de talude, sendo que o que se localiza mais próximo do topo do promontório tem cerca de 5 metros de altura. Um pouco mais abaixo, quase no final da encosta, um segundo talude é visível com uma altura de cerca de 2 metros.

As linhas vão ficando mais ténues à medida que se vão direccionando para Oeste, onde a vertente se apresenta mais abrupta.

4.2. Estruturas habitacionais

As unidades habitacionais observáveis nas vertentes do castro, mais concretamente a meia encosta, obedecem a uma planta do tipo circular e semicircular, integralmente escavadas no afloramento granítico.

Na vertente Sul são detectáveis duas unidades habitacionais, ambas de planta circular. A unidade habitacional que se localiza a Oeste apresenta um diâmetro de 3,38 m, uma altura interior máxima perceptível que ronda os 0,40 m, e uma espessura média de 0,50 m. Aparentemente foi talhada aproveitando vários blocos para o efeito. Em



Figura 2. Vista Norte do castro.



Figura 3. Vista para o castro dos Arados e para os rios Douro e Paiva.

algumas zonas, o topo dos muros apresenta o que parece ser um ligeiro rebordo onde assentariam as paredes da estrutura.

A 0,80 m para Este situa-se a segunda unidade habitacional que integra este núcleo, apresenta igualmente planta circular e utiliza vários blocos graníticos para a realização do talhe, conta com um diâmetro de 3,50 m, altura média das paredes interiores de 0,94 m e uma espessura média de 0,36 m.

Na parte Este desta estrutura, onde foi escavado parte do alicerce, encontra-se um penedo onde se observam vários entalhes, todos localizados na face Sul. São perceptíveis

“fossetes” alinhados, com cerca de 0,2 m de diâmetro, pequenas depressões com 0,10 m de largura e 0,26 m de comprimento, e uma bolsa semicircular escavada verticalmente no próprio afloramento – provavelmente relacionada com sistema de fecho da habitação, com dimensões de 0,34 m de comprimento, 0,12 m de largura e cerca de 0,50 m de altura.

A este conjunto de duas unidades habitacionais também se vem juntar uma lagareta, igualmente de planta circular e escavada na rocha, que abordaremos mais adiante. Este agregado de três estruturas constituiu, provavelmente, uma unidade agrícola.

Situação similar parece registar-se igualmente em Várzea, a noroeste do castro de Penegotas. Segundo Fernando Lanhas e Domingos Brandão (1967:18) aquando do “Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico” registaram um lagar com dorna, próximo de três casas circulares constituindo uma unidade agrícola. Actualmente nenhuma destas estruturas existe.

Na vertente Oeste localiza-se uma outra unidade habitacional isolada, de planta semicircular, que, à semelhança do que aconteceu anteriormente, aproveitou os penedos por ali dispersos para a execução do talhe. Apresenta um comprimento máximo de 4,26 m e uma largura de 3 m. A altura máxima interior da parede talhada na zona de declive é de 0,64 m na parte Este da estrutura, e a espessura da mesma são 0,40 m. Na parte exterior da parede localizada a sudeste, observa-se um pequeno orifício e um canal escavados na rocha que poderiam, eventualmente, funcionar como sistema de fecho.

Quase no topo do monte são perceptíveis outras estruturas circulares escavadas na rocha. Contudo, não é possível adiantar qual a sua funcionalidade, visto que apenas uma pequena parte das estruturas se encontra visível.

Na área adjacente ao castro, a cerca de 400 m para noroeste observa-se uma estrutura similar às anteriormente descritas. A unidade habitacional escavada na rocha obedece a uma planta circular, possuindo um diâmetro de 3,28 m, a altura

máxima interior é de 0,80 m registada a Este da estrutura numa zona de declive, a espessura da rocha talhada é de 0,60 m.

No centro desta construção observa-se um eucalipto que poderá, eventualmente, coincidir com um buraco que aí possa ter existido, onde encaixaria um poste para a sustentação da cobertura.

Sensivelmente a 5 m para Sul da estrutura referida anteriormente, com orientação sudeste-noroeste, afigura-se um penedo onde foram escavados vários “fossetes” de diferentes dimensões. Em frente a este (lado noroeste) num outro rochedo, escavado na vertical está uma pequena cova com cerca de 0,10 m de diâmetro.

Este tipo de estruturas circulares regista-se um pouco por todos os castros do noroeste peninsular, no entanto, os exemplos apresentados reportam-se à área geográfica onde Penegotas se insere.

Desta forma, Fernando Lanhas e Domingos Brandão (1967:14) apontam a existência de fundações de 13 casas circulares abertas na rocha dispersas pelo Monte de Penegotas, “no monte sobranceiro à Igreja de Várzea, junto ao cruzeiro, no monte da Quinta de Várzea do Cima, no Machorro das Cavadas, junto das casas do caseiro da chamada Quinta do Passal e na bifurcação de caminhos adiante da capela de Nossa Senhora da Guia”, cujo diâmetro oscila entre os 3,20 m e 3,90 m, algumas delas ainda apresentam rebordos sobre os quais se levantariam as paredes. Cronologicamente os autores inserem estas construções no período luso-romano dos séculos II-IV.

Convém no entanto salientar, que, com as novas construções, grande parte destas estruturas foi destruída.

Construções análogas registam-se em Tongobriga, onde todas as casas castrejas de plantar circular foram talhadas sobre o imenso afloramento granítico disponível. Este tipo de talhe substitui a abertura de valas para os alicerces (Dias, 1997:77).

Cronologicamente, Lino Dias (1997:77) aponta estas estruturas para as construções mais antigas, que datam da época de Augusto.

De igual modo, no castro de Arados, situado no monte de S. Tiago, a escassa vegetação permite visualizar a superfície de alguns edifícios circulares ou quadrangulares certamente habitacionais (Silva, 1992:23). Classifica-se como um povoado castrejo, de destacada posição na orografia da região em que se insere, sendo também detentor de um complexo sistema defensivo, facto que levou João Belmiro a classificá-lo o mais importante do concelho do Marco de Canaveses, com fortes indícios de romanização e provavelmente ocupado na Alta Idade Média (Silva, 1992:23).

Este castro localiza-se a cerca de 3,500 m a sudoeste do castro de Penegotas, existindo visibilidade directa entre eles.

4.3. Estruturas de transformação de produtos agrícolas

São detectáveis nesta pequena elevação, mais concretamente na vertente Sul, um *lacus* e uma lagareta, separados por uma distância de cerca de 25 m.

O *lacus*, localizado a escassos metros do topo do monte, está lavrado num pequeno penedo junto ao chão. Caracteriza-se por um receptáculo rectangular de pequenas dimensões, apresenta 0,34 m de largura, 0,46 m de comprimento e 0,10 m de profundidade. Em torno deste, observa-se um rebordo com cerca de 0,10 m de espessura, sendo visível no fundo uma pequena depressão ou cova circular com diâmetro de 0,10 m.



Figura 4. Vista geral das unidades habitacionais e da lagareta localizadas na vertente Sul.

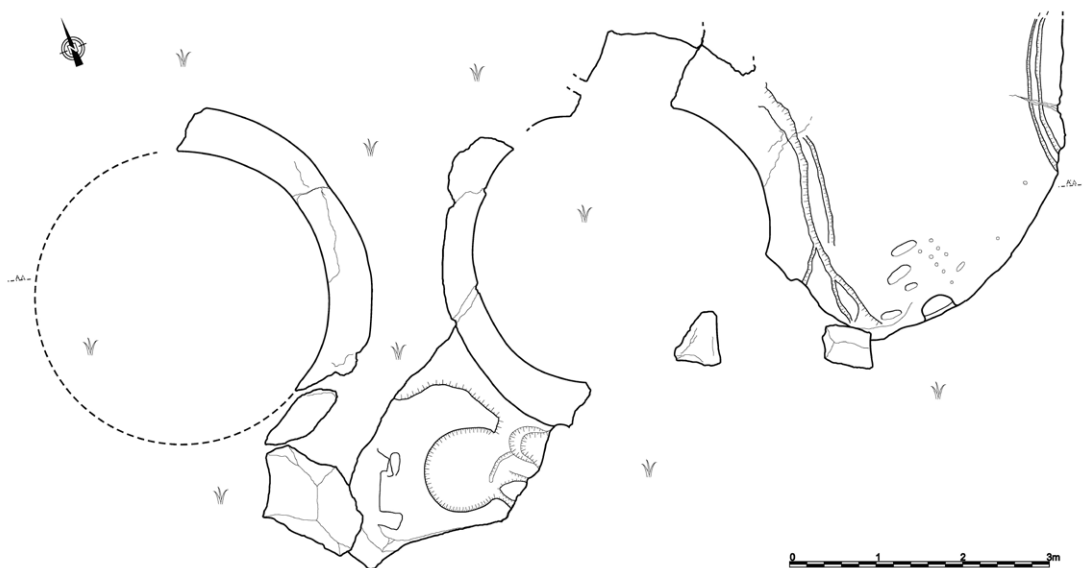


Figura 5. Plano do conjunto das estruturas.



Figura 6. Vista de outra das unidades habitacionais.

Era a partir deste pequeno receptáculo que se procedia à recolha do líquido resultante da pisa no *calcatorium*, recorrendo a recipientes adequados, como os púcaros (Almeida, Antunes e Faria, 1999:98).

Deste possível lagar o *lacus* é a única parte observável, o que indicia que a restante estrutura era construída com materiais perecíveis ou amovíveis, dada a inexistência de qualquer testemunho, o que não deixa de ser um facto curioso, a ausência do *calcatorium*, visto este habitualmente também ser lavrado na rocha.

Nas imediações desta estrutura, a Este, são visíveis trabalhos de talhe em dois penedos. O primeiro localiza-se a cerca de 2 m e apresenta forma circular, pode pressupor-se que terá funcionado como um “edifício” de apoio ao lagar. O outro afloramento apresenta alguns canais escavados e um “fossette” que, não abandonando o campo das suposições, poderia ter sido utilizado para fixação de varas de sustentação de uma cobertura.

Estruturas similares verificam-se em Vila Boa de Quires, no lugar da Teixogueira, provavelmente relacionados com um casal ou *villa* romana, e em Vilar do Torno e Alentem (Lousada), onde igualmente se constata a presença de um lagar cronologicamente enquadrado no período romano. Trata-se de estruturas cuja

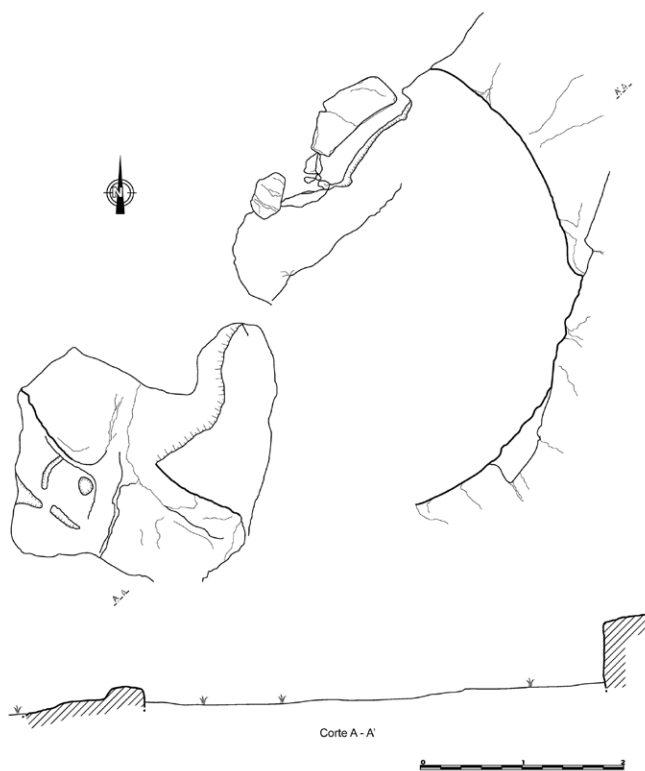


Figura 7. Plano e corte longitudinal.



Figura 8. Unidade habitacional localizada na área adjacente.

funcionalidade parece estar associada à produção de azeite ou vinho (Sousa, Nunes e Gonçalves, 2006:81). Contudo, estas estruturas comportam também o *calcatorium* cavado na rocha.

Vem sendo recorrente apontar estas estruturas para um mesmo âmbito cronológico. Fernando Lanhas e Pinho Brandão, na sua obra já mencionada e intitulada “Inventário de objectos e lugares com interesse arqueológico” publicado no ano de 1967, referem esta estrutura como uma lagareta (p.40) datada do período Luso Romano (sécs. II – IV?).

Um pouco mais abaixo do conjunto das estruturas atrás referidas, para Sul, a meia encosta observa-se uma lagareta de forma circular com 0,96 m de diâmetro, inserida entre as duas unidades habitacionais referidas no ponto acima descrito. No interior são observáveis alguns canais lavrados por onde provavelmente escorria o líquido após o esmagamento do fruto; depois deste processo escorria para o *lacus* através de uma bica, também ela visível nesta estrutura. Não é possível perceber se existe ou não *lacus*, devido à potência de terra existente. Todavia, este elemento poderia ser escavado na rocha ou, em alternativa, ser amovível, construído em madeira ou em muitos casos em cerâmica, tal como era habitual em época romana.

O penedo em que foi lavrada a estrutura apresenta um rebordo na parte Oeste, no lado Sul na vertical é visível um orifício circular e ao lado da bica uma “bolsa” também ela escavada. Todos estes pormenores podem indiciar prováveis sítios para encaixe de uma estrutura desmontável, tal como Catarina Tente (2007:308), Carlos Almeida, João Antunes e Pedro Faria (1999:100) escrevem: as estruturas de madeira que eram montadas sobre os lagares lavrados no granito deveriam ser montadas a cada novo ciclo e removidas no final de cada período agrícola para não ficarem expostos às condições climáticas.

Estrutura análoga identificou-se no castro de Monte Mozinho no interior de um núcleo habitacional, datado da segunda metade do século I d.C. (Sousa, Nunes e Gonçalves, 2006:79). Fernando Lanhas e Pinho Brandão (1967:20), reportando-se às estruturas do monte de Penegotas, classificam esta construção,



Figura 9. *Lacus*.

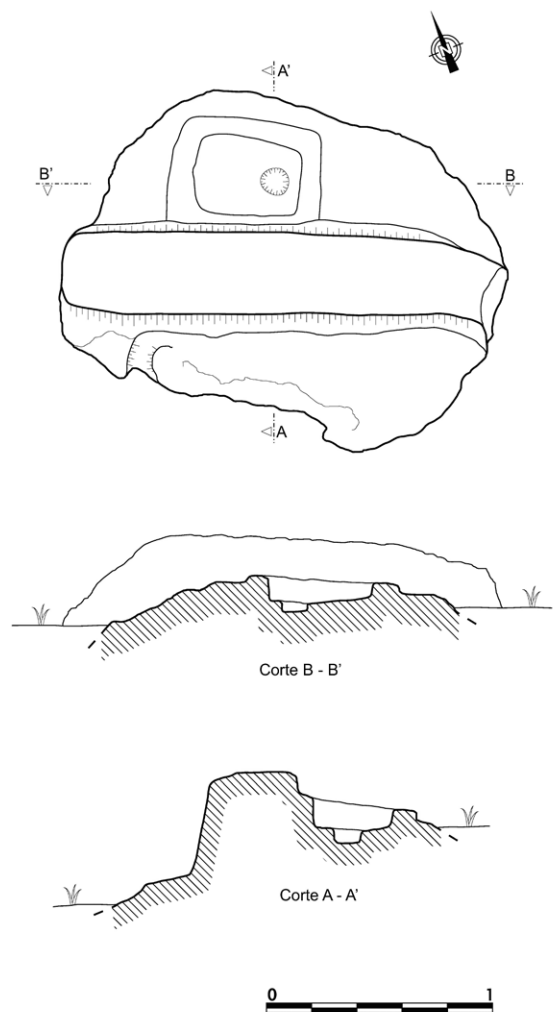


Figura 10. Plano e cortes do *lacus*.

associada à produção vitivinícola, como se tratando de uma base de prensa do período Luso Romano (sécs. II- IV).

4.4. Estruturas integrantes de um possível espaço sagrado

4.4.1 “Cadeira”

No topo do monte, num penedo ovalado que se destaca pela sua elevação (trata-se do ponto mais elevado do castro), é perceptível um entalhe que se assemelha a uma cadeira. A rocha em questão apresenta dimensões máximas de 3,30 m de comprimento, 2,40 m de largura e uma altura média de 1 m. Em relação ao entalhe propriamente dito, apresenta 0,38 m de largura na base, 0,58 m no topo e uma altura máxima de 0,60 m.

Ao longo da superfície do penedo estão escavados alguns canais que confluem para a estrutura escavada. Nas partes laterais do entalhe observam-se dois ressaltos que fazem lembrar apoios para os braços.

Quase encostado a esta estrutura, a noroeste, verifica-se um outro rochedo cujo topo está aplanado e uma das faces laterais apresenta um evidente talhe arredondado. Um pouco mais afastado, a cerca de 15 e 20 metros respectivamente, a Este, no limite da quebra do terreno, observam-se dois penedos cujo topo está igualmente aplanado. Destacam-se bem na paisagem e possuem vista privilegiada sobre o rio Douro e a foz do rio Paiva.

Na região envolvente não é conhecida nenhuma estrutura idêntica à referida “cadeira”, contudo, Belmiro da Silva (1992:165) refere que um pouco por todo o concelho de Marco de Canaveses e Norte de Portugal são conhecidos outros tipos de estruturas escavadas na rocha com nomes idênticos, tais como: cama dos mouros, cadeira dos mouros, entre outros.

Estrutura similar encontra-se na freguesia de Bouçoais no concelho de Valpaços. Trata-se de uma estrutura cavada num afloramento



Figura 11. Penedo onde foi lavrada a “cadeira”.

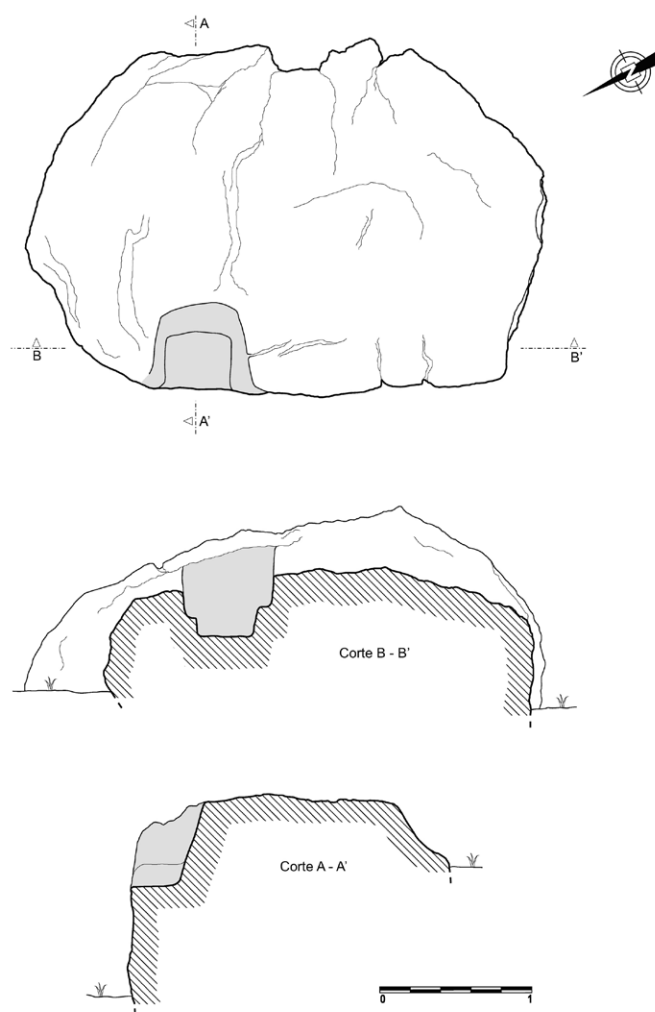


Figura 12. Plano e cortes transversal e longitudinal.

granítico que se assemelha a um cadeirão com costas e apoios para os braços e pés (esta última particularidade não se observa no entalhe de Penegotas). O rochedo onde foi lavrado o “trono”, assim como o terreno, apresentam uma inclinação para SE (Freitas, 2001:176). Apesar da funcionalidade desta estrutura ainda se apresentar um pouco nublada, Adérito Freitas (2001:175) sugere a hipótese de que a estrutura “representa um lugar onde eram oferecidos sacrifícios a uma qualquer divindade pagã, isto é, um altar de sacrifícios”.

Opinião divergente apresenta António Lima (1993:51) quando se refere à “cadeira” de Penegotas. Segundo este autor, os trabalhos observados na rocha destinavam-se “a receber silhares, e a apoiar dessa forma a muralha que aí passaria”, pressupondo desde logo um descentramento em relação ao topo do monte.

Embora qualquer hipótese que se proponha se revista, inevitavelmente, de contornos discutíveis, parece-nos que a referida estrutura se destinaria a receber um qualquer elemento móvel, possivelmente uma ara ou uma pequena estátua. Neste sentido, é pertinente recordar a existência de uma ara com uma inscrição dedicada a *Tameobrigus* recolhida nas imediações do castro de Penegotas.

4.4.2. Escadas

Na vertente nordeste visualizam-se dois lanços de escadas lavrados em dois rochedos, que distam cerca de 20 m entre si. O primeiro na base da encosta (figura n.º 13) e um segundo um pouco mais acima, a meio da vertente (figura n.º 16). Numa plataforma adjacente, a Este do castro, a cerca de 80 m das estruturas referidas anteriormente, observa-se um conjunto de penedos afeiçoados, sendo perceptível na base de um deles uma construção análoga às anteriores, que também definimos como escadas (figura n.º 17).

As escadas apresentadas na imagem n.º 13 foram escavadas num penedo de forma muito irregular que apresenta dimensões máximas de

2,80 m de comprimento, 4,80 m de largura, e uma altura de sensivelmente 2 m a partir do ponto mais elevado até à base sedimentar do ponto mais baixo do rochedo. Lavrados nesta fraga granítica observam-se três degraus rectangulares com orientação Nordeste - Sudoeste, que apresentam 0,46 m de largura máxima por 1 m de comprimento máximo e 0,26 m de altura.

Para além dos degraus, outros entalhes são visíveis neste penedo. No sentido ascendente, do lado Oeste começa-se por verificar uma pequena “cova” quadrangular no limite da rocha com cerca de 0,20 x 0,20 m; um pouco mais para Norte afigura-se um novo entalhe parecido com um degrau cortado com 0,84 m de comprimento e 0,22 m de largura máxima. No topo deste último a rocha apresenta-se aplanada numa extensão de 1,08 m de comprimento e sensivelmente 0,70 m de largura, sugerindo um pequeno patamar que antecede o primeiro degrau. No topo, após o último degrau, a rocha encontra-se novamente aplanada numa área com cerca de 1 m de comprimento por 1,40 m de largura. Observam-se ao longo da superfície do rochedo alguns canais escavados.

Para lavar o segundo lanço de escadas com três degraus, igualmente implantado na vertente nordeste, foi aproveitado um penedo ovalado com dimensões máximas de 2,32 m de comprimento, 1,90 m de largura e altura aproximada de 1,08 m, a contar desde o topo da rocha até ao sedimento da base.

Os degraus, com orientação Oeste - Este, apresentam dimensões notoriamente diferentes, o primeiro, a contar da base do rochedo, conta com 0,42 m de largura máxima e 1,28 m de comprimento. O segundo é um pouco mais pequeno apresentando 0,28 m de largura e 1,20 m de comprimento, e 0,32 m de altura. Sensivelmente a meio deste degrau observa-se um pequeno entalhe rectangular escavado, podendo indiciar um assentamento de uma estrutura. O terceiro degrau, separado do segundo por uma altura de 16cm, apresenta o topo aplanado. O mesmo rochedo apresenta uma zona aplanada na base dos degraus com cerca

de 1,48 m de comprimento máximo por 1,48 m de largura máxima. Ainda nesta “plataforma” é visível a cerca de 0,40 m do primeiro degrau uma pequena “base” trapezoidal esculpida no próprio afloramento com 0,42 m de comprimento e 0,34 m de largura, possivelmente destinada a suportar um elemento ou alguma estrutura.

A terceira estrutura, localizada a Este do castro com orientação nordeste-sudoeste, apresenta um degrau cavado num bloco granítico de forma ovalada. A escassos centímetros do chão é perceptível um pequeno “patamar” semicircular que dá acesso ao único degrau, este é de forma rectangular com os cantos arredondados, apresentando dimensões máximas de 1,75 m de comprimento, 0,40 m de largura, sendo a altura média entre eles de 0,20 m. Os cantos arredondados parecem indiciar um encaixe para colocação de algum elemento ou estrutura.

Ainda à volta deste (excepto na parte que dá acesso ao suposto “patamar”) é perceptível um ligeiro rebordo. O degrau a que nos reportamos dá acesso ao topo do penedo que apresenta uma inclinação ascendente.

A construção em questão insere-se num conjunto de blocos graníticos onde se fazem notar vários entalhes. A uma distância de sensivelmente 1,50 m para sudoeste é observável um pequeno entalhe de forma circular com diâmetro de 0,16 m, altura de 0,14 m e uma profundidade de 0,10 m. Ainda a Sul afiguram-se vários rochedos com o topo aplanado.

4.4.3. Pias

Um pouco por toda a elevação são observáveis pias isoladas de configurações e tamanhos variados, escavadas em diferentes penedos.

4.5. Análise interpretativa

Atendendo às estruturas identificadas, parece-nos que se afigura possível a hipótese deste local ter funcionado como um espaço sagrado associado a um povoado. A confirmar-se esta suposição, seria tentador procurar na ara



Figura 13. Vista geral do penedo onde foram lavrados os degraus.



Figura 14. Vista de alguns pormenores.

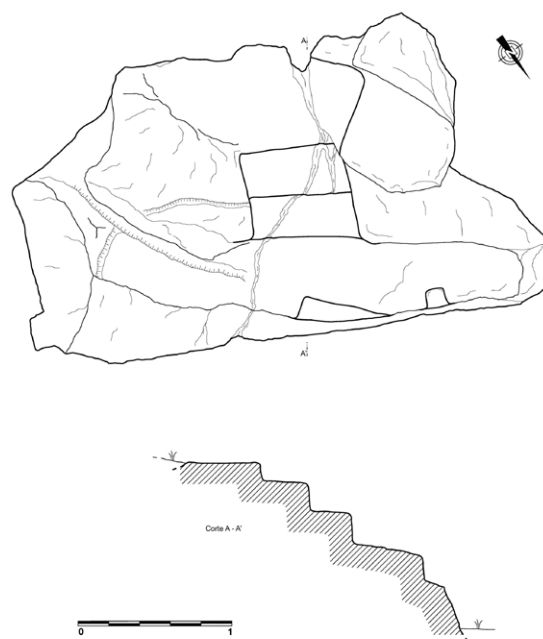


Figura 15. Plano e corte longitudinal.



Figura 16. Lanço de escadas.



Figura 17. Possíveis escadas.



Figura 18. Pia localizada na vertente Sul do monte.

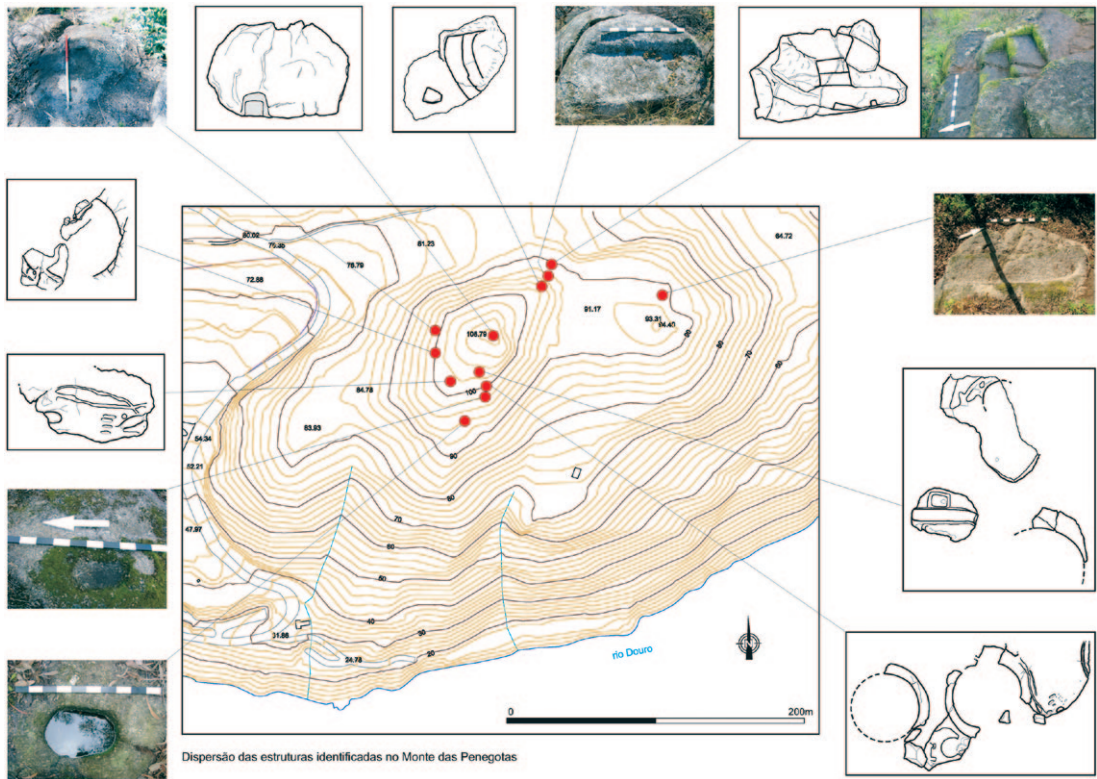


Figura 19. Dispersão das estruturas identificadas no monte de Penegotas.

votiva recolhida em Várzea do Douro, dedicada a *Tameobrigus*, a entidade divina que aqui seria cultuada.

Estes locais sagrados foram usados, ou mesmo reformulados, em época romana à semelhança do que acontece em Panóias. Porém, alguns não chegaram a ser romanizados pelo que a sua origem deve ser procurada num ambiente religioso identificador das populações celtas da Península. Os altares rupestres são caracterizados em traços gerais como uma manifestação exclusiva do mundo céltico (Calado, 1996:100-102).

Na Idade do Ferro os santuários devem ter funcionado essencialmente como altares de sacrifícios, embora não excluindo outras utilidades relacionadas ritualmente com tais práticas (Calado, 1996:102).

Refira-se, a título de curiosidade e no âmbito do topónimo Penegotas, que o prefixativo Pen (n) é atribuído ao céltico tradicional (Freire, 1999:5).

Este tipo de locais de culto implantava-se comumente em formações rochosas muito pronunciadas ou pelo menos demarcadas da paisagem com algum domínio visual, próximo de cursos de água e/ou junto de montes. Disso são exemplo os santuários de Vilar de Perdizes (Montalegre), Castelo do Mau vizinho (Chaves), Rocha da Mina (Alandroal) e Penedo dos Mouros (Gouveia). De um modo geral, apresentam diversas estruturas escavadas na rocha, com apreciável diversidade, e são habitualmente designadas por santuários “tipo Panóias” (Calado, 1996:100; Tente e Lourenço, 1999:785). Apresentam uma clara evolução do tipo de santuários de estrutura mais simplificada, evidenciando estruturas de construção e recipientes rituais ocorrida em contexto de sincretismo religioso, tal como afirma Armando Coelho (1986:300). As maiores concentrações deste tipo de recintos são conhecidas em Trás-os-Montes e no Sul da Galiza, e compõem-se normalmente por pias sacrificiais lavradas na rocha, de diferentes tamanhos, quase sempre

associadas a canículos e a que se acede por degraus igualmente escavados na rocha (Calado, 1996:101).

Leite de Vasconcelos (1905:103) dizia que os montes “deviam impressionar muito a imaginação dos antigos”, do mesmo modo que outros autores concordavam quando associavam cultos pré-romanos a povoados, rios e serras (Tente e Lourenço, 1999:785).

A principal dissemelhança entre Penegotas e alguns santuários, como o da Pia dos Mouros e Panóias, é principalmente marcada pela existência de algumas estruturas naqueles locais que aqui estão aparentemente ausentes, como é o caso das grandes pias rectangulares ou de inscrições lavradas nos penedos. Contudo, nenhum dos santuários referidos apresenta a estrutura que mais parece ter caracterizado este local – a dita “cadeira do rei” (Figura 11), que possui vários canais que confluem para o entalhe onde propusemos que assentaria algum elemento móvel, como por exemplo uma ara ou pequena estátua. No monte das Penegotas verifica-se a existência de algumas pias de diferentes formas e dimensões, não ultrapassando os 0,40 m de largura, dispersas ao longo das vertentes. Todavia, qualquer uma delas se situa ao nível do chão, não se constatando qualquer estrutura a elas associada.

Relativamente aos três lanços de escadas identificados, ainda que um deles (n.º 17) possa suscitar algumas reservas enquanto tal, alguns comentários se poderão fazer. A estrutura apresentada na Figura 13 é sem dúvida a mais complexa e de maiores dimensões, observando-se que os degraus dão acesso a um topo intencionalmente aplanado, evidenciando uma possível zona de altar ou local destinado a receber uma qualquer estrutura ou elemento móvel, perecível ou não, que ali assentaria. Note-se que esta segunda hipótese não invalida necessariamente a possível função de altar. Na base do primeiro degrau existe igualmente uma pequena plataforma aplanada e bastante alargada que, precedendo o acesso ao lanço de escadas,

possui um pequeno entalhe na parte Oeste e a insinuação de um outro degrau de menores dimensões a Norte. Da parte Este arranca um canal escavado na rocha que conflui para o mesmo local que outros dois.

A estrutura observável na figura n.º 16, embora se identifique como outro lanço de escadas cujo topo também está aplanado, apresenta consideráveis diferenças em relação à anterior, nomeadamente na modesta dimensão. Contudo, no segundo degrau apresenta um pequeno entalhe e junto ao chão, ainda talhado no mesmo afloramento, observa-se uma base que pressupõe o assentamento de alguma estrutura ou elemento.

Embora apresentando uma complexa estrutura, que nada tem a ver com a simplicidade registada em Penegotas, no Castelo do Mau Vizinho (Chaves) também são registados alguns lanços de escadas que eram utilizados para aceder ao recinto sagrado (Júnior *et alii*, 1991:393- 395).

Ao outro lanço de escadas (Figura 17), que se localiza mais afastado do promontório, é um pouco complicado atribuir-lhe uma funcionalidade dentro do espaço sagrado, até porque permanece a dúvida se seriam ou não escadas.

Localizado na encosta Este identificou-se um outro penedo com um entalhe rectangular, que sugere o encaixe de uma estrutura perecível ou talvez um elemento móvel. Neste penedo reside a particularidade de se avistar todos os lanços de escadas, localizando-se precisamente entre os dois primeiros (n.ºs 13 e 15).

Um outro entalhe que se enquadra no tipo de santuário aqui descrito e se verifica neste local é o *lacus*, inserido na descrição das estruturas para fins agrícolas. No entanto, estrutura similar regista-se no santuário de Panóias. Alföldy (2002:212) descreve que as vítimas sacrificadas neste local, “viam” as suas vísceras queimadas nas cavidades rectangulares e o sangue era vertido sobre as cavidades mais pequenas, que eram o *lacus*.

5. Espólio

Os materiais exumados no decorrer dos trabalhos de prospecção são muito escassos, não permitindo grandes considerações cronoculturais.

O espólio é essencialmente constituído por fragmentos de cerâmica (bordos, paredes, fundos e uma asa), por um peso de tear, igualmente de cerâmica, e um numisma.

Análise descritiva:

Nº 1 - Peso de tear: de forma cilíndrica, apresentando uma pasta homogénea de cor alaranjada, com elementos não plásticos abundantes de média e grande dimensão, constituídos por quartzo, feldspatos e micas e cerâmica cozida. Cozedura oxidante.

Dimensões:

Comprimento: 6,3 cm

Largura: 4,5 cm

Espessura: 3,2 cm

Proveniência: Castro de Penegotas

Nº 2 - Asa de ânfora (Haltern 70): secção oval com uma depressão longitudinal no dorso e uma digitação no remate ao ombro. Pasta de cor bege, compacta e dura, com muitos elementos não plásticos, constituídos por quartzo e quartzitos angulosos e abundantes. Cozedura oxidante.

Dimensões:

Altura: 8,8 cm

Largura: 5,1 cm

Espessura: 2,1 cm

Proveniência: Caminho que passa ao lado do actual cemitério.

Nº 3 - Fragmento de bordo (Potinho): bordo voltado para o exterior, de lábio boleado, ligeiramente espessado no interior e indiferenciado da parede do colo, exibindo uma decoração na superfície externa com linhas verticais no bordo e colo. Possui uma pasta

homogénea, de cor cinzenta clara no exterior e bege acinzentado no cerne. Os elementos não plásticos apresentam-se de pequena dimensão e bem distribuídos, sendo essencialmente constituídos por micas. Feito a torno, cozedura redutora.

Dimensões:

Diâmetro: 4 cm

Proveniência: Castro de Penegotas

Nº 4 - Fragmento de bordo (Tampa): bordo direito, indiferenciado do colo. Pasta homogénea, de cor castanho-claro, apresentando em abundância elementos não plásticos constituídos por micas, feldspatos e quartzos. Na face externa nota-se alguma fuligem.

Feito a torno, cozedura redutora.

Dimensões:

Diâmetro: ---

Proveniência: Castro de Penegotas

Nº 5 - Fragmento de bordo (Panela): bordo voltado para o exterior, indiferenciado do colo, afilado e arredondado, perfil em S. Pasta homogénea com cor exterior bege e cinzento-escuro no cerne, são perceptíveis alguns elementos não plásticos de pequena dimensão constituídos por abundantes micas e poucos quartzos, apresenta alguma fuligem na face externa. Feito a torno, cozedura redutora.

Dimensões:

Diâmetro: 12,4 cm

Proveniência: estradão que dá acesso à zona de extracção de areias

Nº 6 - Fragmento de fundo: pé em anel e base plana ligeiramente alteada no centro. Pasta homogénea de cor cinzenta-clara no exterior e bege-acastanhado no

cerne. Elementos não plásticos de pequenas dimensões, sobretudo micas e escassos quartzos e feldspatos. Feita a torno, cozedura redutora.

Dimensões:

Diâmetro: 7,6 cm

Proveniência: Castro de Penegotas

Nº 7 - Fragmento de fundo: base plana, ligeiramente destacada do arranque da parede. Possui uma pasta homogénea de cor cinzenta-acastanhada na face exterior e no cerne cinzento-claro e bege rosado. Elementos não plásticos abundantes, constituídos por quartzo, micas e feldspatos de pequena e média dimensão. Cozedura oxidante com arrefecimento redutor, feita a torno.

Dimensões:

Diâmetro: 4,4 cm

Proveniência: Castro de Penegotas

Nº 8 - Fragmento de fundo: pé em anel, base plana relativamente alteada no centro. Verifica-se um ligeiro alisamento na face externa. No que concerne à pasta esta é homogénea, de cor cinzento-escuro, apresenta abundantes elementos não plásticos constituídos por micas e quartzos de dimensões reduzidas. Feita a torno, cozedura redutora.

Dimensões:

Diâmetro: 5 cm

Proveniência: Castro de Penegotas

Nº 9 - Fragmento de fundo: base plana. De pasta homogénea, cor bege, os elementos não plásticos são constituídos por micas e quartzos de pequena dimensão e pouco abundantes. Feita a torno, cozedura redutora.

Dimensões:

Diâmetro: 3,5 cm

Proveniência: Castro de Penegotas

Numisma de bronze atribuído ao Imperador Gordianus Pius Felix Augustus (238-244 a.C.). No anverso da moeda pode ler-se IMP. GORDIANVS PIVS FEL. AVG. É igualmente perceptível um busto cuja face em perfil mostra o lado direito, usando na cabeça uma coroa de louros.

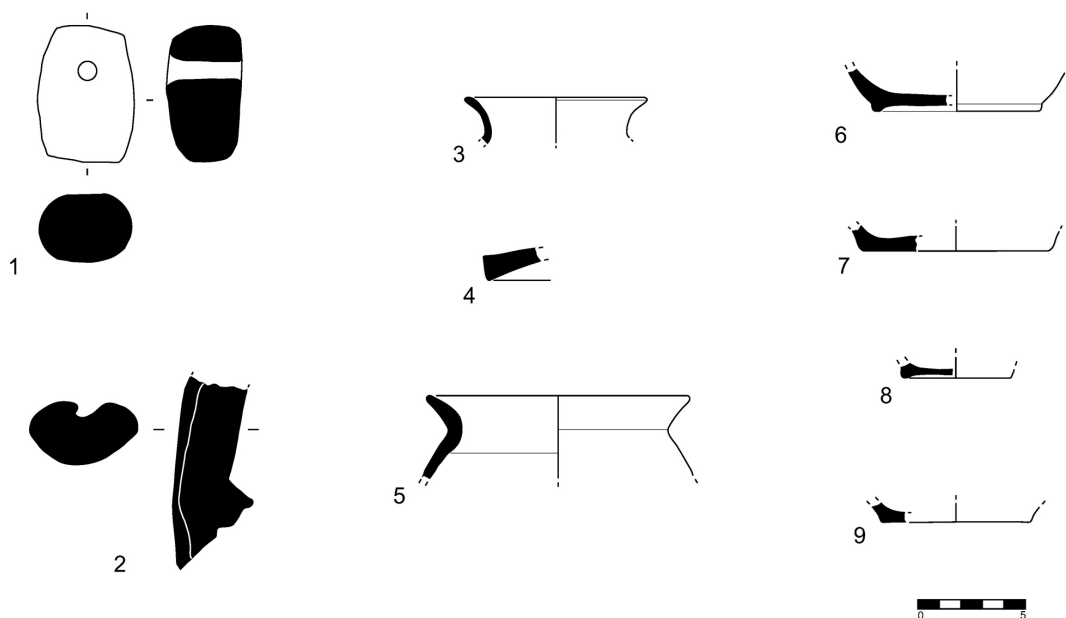


Figura 20. Espólio cerâmico recolhido no castro e área adjacente.



Figura 21. Numisma recolhido no castro.

No reverso lê-se na legenda AETERNITATI AVG. A ladear o motivo afiguram-se as letras S C que significam Senatus Consultum – O senado consultado. Assiste-se a uma representação da divindade Sol, o corpo está virado para a frente com a cara voltada para o lado direito, na mão esquerda segura um globo, enquanto a mão direita se apresenta erguida.

Dimensões:

Diâmetro: 2,8 cm

Proveniência: Castro de Penegotas

6. Considerações finais

O povoado romano de Penegotas oferece um vasto número de estruturas visualmente observáveis à superfície. Contudo, no que concerne aos materiais, a informação revela-se escassa e, portanto, pouco indicativa de uma cronologia aproximada.

Tentando, sempre que possível, estabelecer paralelos com estruturas semelhantes e atendendo à documentação existente, embora escassa para o local em questão, algumas ilações foram avançadas, quem sabe confirmadas com futuros trabalhos.

Numa primeira análise, cremos que este lugar, para além de ter funcionado como um entreposto comercial de circulação de bens e pessoas, aproveitando a proximidade com o rio Douro e com a estrada romana, usufruía de um espaço com boas condições de ocupação, confirmado pelas estruturas circulares que pressupõe unidades habitacionais com ligação a espaços agrícolas. A estar correcta a interpretação acerca de algumas estruturas, parece-nos que a ocupação deste local teve uma dupla funcionalidade: tanto a que foi anteriormente descrita, como a de espaço sagrado.

No que concerne à dimensão do sítio, seria necessário um estudo mais exaustivo para compreender melhor os seus limites. Porém, baseando-nos na área percorrida e registada, podemos afirmar que para Oeste são visíveis estruturas até sensivelmente 500 m de distância do castro; para Sul pode encontrar-se material até ao rio Douro; para Norte a construção foi

avançando ao longo dos tempos e destruindo os testemunhos de ocupação humana que ali se encontravam, restando somente o registo. Apenas para Este é que foram encontrados escassos materiais cerâmicos, sendo por este lado do promontório que seguia a estrada romana vinda de Tongobriga (traçado proposto por Lino Dias).

6. Bibliografia

- ALARCÃO, J. (1988) - *O domínio romano em Portugal*. Lisboa: Europa-América.
- ALFOLDY, G. (2002) - Panóias. O santuário rupestre. In RAPOSO, L. (coord.) *Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa*. Catálogo da exposição. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa, p. 211-214.
- ALMEIDA, C. A. B.; ANTUNES, J. M. V.; FARIA, P. F. B. de (1999) - Lagares cavados na rocha: uma reminiscência do passado na tradição de técnica vinícola no vale do Douro. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2:2, Lisboa, p. 97-103.
- BRITO, R. S. de (1993) - Introdução geográfica. Portugal continental. In MATTOSO, J. (dir.) - *Historia de Portugal. Antes de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Estampa, p. 21-27.
- CALADO, M. (1996) - Endovélico e a Rocha da Mina: o contexto arqueológico. *Ophiusa*, zero. Instituto da Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 97-108.
- DIAS, L. A. T. (1988-1994) - Alguns apontamentos da relação da presença romana com os rios Tâmega e Douro. In *1º Congresso Internacional Sobre o Rio Douro: Arqueologia*. Gaya VI. Revista do Gabinete de Historia e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Gaia. p. 191-197.
- DIAS, L. A. T. (1997) - *Tongobriga*. Lisboa: Instituto Português do Património Arqueológico e Architectónico.
- FREIRE, J. M. A. (1999) - A toponímia céltica e os vestígios de cultura material da proto-história de Portugal. *Revista de Guimarães*, Volume especial I, Guimarães, p. 265-275.
- FREITAS, A. M. (2001) - *Carta arqueológica de Valpaços*. Valpaços.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. XXXIV, p.253-256.
- LANHAS, F. ; BRANDÃO, D. P. (1967) - Inventário de locais com interesse arqueológico. *Revista de Etnologia*. N.º 8. Porto, p.5-72.

- LIMA, A. M. C. (1993) - *Castelos medievais do curso terminal do Douro (séc. IX-XII)*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. I-II. Porto. Policopiado
- MEDEIROS, A. C. (1964) - Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 13-B. Castelo de Paiva. Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa
- SILVA, A. C. F. (1983/1984) - A cultura castreja no Noroeste de Portugal: habitat e cronologias. *Portugália*, Nova Série - Vol. IV/V. Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste. Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 121-129.
- SILVA, A. C. F.; GOMES, M. V. (1992) - *Proto-história de Portugal*. Universidade Aberta. Lisboa.
- SILVA, J. B. P. (1992) - *Marco de Canaveses: Os castros*. Edição do autor, Marco de Canaveses.
- SOUSA, L.; NUNES, M.; GONÇALVES, C. (2006) - O vinho na antiguidade clássica: Alguns apontamentos sobre Lousada. *OPPIDUM, Revista de Arqueologia, História e Património*. N.º1, Câmara Municipal de Lousada, p. 69-85.
- TENTE, C. (2007) - Lagares, lagaretas ou lagariças rupestres da vertente noroeste da Serra da Estrela. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol.10. N.º1. Lisboa, p. 345-366.
- TENTE, C. M. G.; LOURENÇO, S. C. A. (1999) - O cadeirão da Quinta do Pé do Coelho e o Penedo dos Mouros: primeira interpretação como santuários rupestres. *Revista de Guimarães*. Vol. II, Guimarães, p. 775-792.
- VASCONCELOS, J. L. (1905) - *Religiões da Lusitânia*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional.

Cartografia

- Carta Geológica de Portugal: Folha 13-B (Castelo de Paiva) Serviços Geológicos de Portugal - Escala 1: 50.000. Lisboa: 1963.
- Carta Militar de Portugal: Folha 135 (Sobrado de Paiva - Castelo de Paiva) Serviços Cartográficos do Exército - Escala 1.25.000. Lisboa: 1945.